



Sexta-feira, 21 de fevereiro de 2020, Valor Econômico

Preços de vendas externas recuam 11,2% desde agosto, puxados por commodities

Nesse período, os termos de troca (a relação entre os preços de exportação e de importação) recuaram 5,5%

Por Sergio Lamucci — De São Paulo

21/02/2020 - 05h00

Os preços das exportações brasileiras caíram 11,2% de agosto do ano passado até a média da primeira metade de fevereiro, um movimento puxado pela queda das cotações das commodities. Nesse período, os termos de troca (a relação entre os preços de exportação e de importação) recuaram 5,5%. **Os números até janeiro são da Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior (Funcex)**, enquanto os dados deste mês são uma estimativa do Bradesco.

Na média da primeira quinzena de fevereiro, os preços de exportação tiveram queda de 4,6% em relação a janeiro, de acordo com os números do banco. Esse comportamento sugere que o saldo comercial de 2020 pode ser menor do que se esperava na virada do ano, mas os analistas acreditam que não deve haver mudanças significativas no superávit.

A economista Myriã Bast, do Bradesco, lembra que neste mês houve uma baixa generalizada das commodities, atingindo as agrícolas, as metálicas e o petróleo, numa reação ao impacto do coronavírus sobre a economia chinesa. Na avaliação dominante, os efeitos da epidemia vão causar uma desaceleração expressiva da atividade econômica na China no primeiro trimestre, com efeitos sobre outros países.

No segundo semestre do ano passado, a queda dos preços de exportação foi muito relacionada ao movimento do minério de ferro, diz Myriã. Ela observa que as cotações tinham subido muito na primeira metade de 2019, com problemas de oferta do produto, como os provocados pelo colapso da barragem da Vale em Brumadinho, em Minas Gerais. No segundo semestre, porém, com alguma melhora das condições de oferta e a revisão das projeções de crescimento global, as commodities caíram um pouco, especialmente o minério, de acordo com Myriã.

O Bradesco projeta atualmente um saldo comercial de US\$ 43 bilhões neste ano, 10,4% inferior aos US\$ 48 bilhões de 2019. As exportações devem ser de US\$ 235 bilhões, projeta o banco. Segundo Myriã, as duas previsões podem ser revistas para baixo, mas marginalmente.

O ponto é que ela vê o movimento dos preços como transitório, avaliando que as cotações de exportação e de importação voltarão aos níveis anteriores aos da crise do coronavírus. Com isso, esses preços e os termos de troca tendem a ficar em larga medida estáveis em relação à média do ano passado.

O economista-chefe da MB Associados, Sergio Vale, diz não ver a “balança comercial deteriorando muito”, quando se colocam na conta a taxa de câmbio, os termos de troca e o crescimento global e o brasileiro. Para um saldo mais expressivo, há o câmbio mais desvalorizado - que estimula exportações e encarece importações - e a expansão fraca da economia brasileira - um indicativo de que as compras externas não vão crescer com força. Jogando contra há os termos de troca e o crescimento mundial pouco significativo.

“O balanço desses efeitos não deve fazer com que a balança se deteriore muito”, diz Vale. Ele reconhece que há o efeito temporário do coronavírus, que pode ter impacto no curto prazo. No entanto, isso pode ser compensado se houver uma reação rápida da economia na sequência, diz Vale. “E, de qualquer maneira, o vírus afeta tanto exportações quanto importações da China, o que para efeito de balança acaba tendo efeito diminuído”, afirma ele, que projeta um saldo comercial de US\$ 40 bilhões para 2020.

Fonte: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/02/21/precos-de-vendas-externas-recuam-112-desde-agosto-puxados-por-commodities.ghtml>